

O emprego na indústria de máquinas e implementos agrícolas (MIA), no RS: prosperidade e crise*

Maria Isabel H. da Jornada**

Socióloga da FEE

Sheila S. Wagner Sternberg**

Engenheira Química da FEE

Os anos 90 foram palco de intensas mudanças na economia brasileira, tendo como pano de fundo o aprofundamento do processo de reestruturação produtiva. A liberalização comercial sem precedentes na história brasileira, patrocinada pelo Governo Collor no início da década de 90, impulsionou as empresas industriais a enfrentarem um vigoroso processo de reestruturação na direção de um novo patamar tecnológico e organizacional, que repercutiu fortemente sobre o desempenho industrial e sobre o mercado de trabalho.

As alterações na política econômica ao longo dos anos 90 e 2000 reviraram o ambiente econômico nacional. A adoção do regime de âncora cambial, vigente entre os anos 1994 e 1998, produziu efeitos deletérios sobre os segmentos exportadores, que enfrentaram severas dificuldades nas transações internacionais, em razão do real valorizado. Em 1999, o abandono da âncora cambial, com a desvalorização da moeda, favoreceu as atividades exportadoras, o que se tornou visível pelo aumento do volume exportado e pelo crescimento do nível do emprego nos segmentos voltados ao mercado externo.

Um novo ambiente de valorização cambial, sob o regime de câmbio flutuante, a partir do segundo semestre de 2004, trouxe novamente dificuldades para os setores exportadores, que acusaram prejuízos na sua atividade, com reflexos importantes no mercado de trabalho, sobretudo no RS, que tem, na função exportadora, um dinamizador da sua economia. A par disso, a política continuada de juros altos que tem sido praticada inibe o investimento em atividades produtivas, contribuindo para frear a geração de postos de trabalho.

No caso da economia gaúcha, soma-se a isso a estreita vinculação da indústria com o Setor Primário, fazendo com que as vicissitudes no campo se propaguem para a indústria, afetando o desempenho de segmentos produtivos como o de máquinas e implementos agrícolas, que exibiu uma notável retração nos níveis do emprego formal e da atividade, em 2005 e 2006, quando se registraram quebra de safra (2005) e queda nos preços dos grãos no mercado internacional. O forte endividamento do produtor rural em decorrência dessa situação, aliado ao câmbio valorizado e aos juros elevados, prejudicou o comportamento da indústria de máquinas e implementos agrícolas, que vinha de vários anos de expressivo crescimento, impulsionado pelo Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras (Moderfrota)¹, lançado, em 2000, pelo BNDES. As taxas de variação da produção física e do emprego no período 2001-04, como se verá no curso da análise, evidenciam o bom momento dessa indústria, que aparecia fortemente aquecida.

Neste artigo, pretende-se acompanhar a evolução do emprego formal na indústria de máquinas e implementos agrícolas, no RS, *vis-à-vis* ao comportamento da indústria de transformação no Estado, tendo como referencial o movimento no plano nacional. No âmbito do RS, procede-se a um recorte espacial, para examinar o comportamento do emprego industrial em um local que concentra grande parte dos trabalhadores desse segmento e que conta com quatro grandes empresas com forte inserção no cenário nacional e com presença no mercado internacional, que se denominou Região MIA — Coredes Alto Jacuí, Fronteira Noroeste, Noroeste Colonial e Produção. O período investigado compre-

* Artigo recebido em 24 abr. 2007.

** As autoras agradecem a cuidadosa leitura e as pertinentes sugestões das colegas Clarisse Castilhos e Denise Gros e à Áurea Breitbach pela leitura da primeira versão deste artigo. Agradecem igualmente à estagiária de Economia Patrícia Lazzarotti Garcia.

¹ O Moderfrota é um programa de incentivo ao investimento dos produtores rurais e à produção de máquinas com juros inferiores aos de mercado.

ende os anos de 1995 a 2006, em conformidade com o projeto de pesquisa sobre a cadeia produtiva de máquinas e implementos agrícolas, em desenvolvimento no Núcleo de Análise Setorial da FEE, no qual se insere a presente análise.²

O entendimento do processo em curso no segmento produtivo de máquinas e implementos agrícolas requereria, naturalmente, uma análise complexa, que considerasse o movimento das fusões e aquisições ocorridas no período, a entrada em funcionamento de novas unidades produtivas e até mesmo as estratégias de aquisição de insumos para a indústria, com a possibilidade de aumento das importações. Todavia o presente artigo tem o foco dirigido para uma instância específica, que é a do mercado de trabalho formal, buscando apreender os movimentos do emprego formal associado à dinâmica da produção. Recorreu-se à observação das exportações no período, para agregar elementos que melhor esclarecessem os movimentos na esfera da produção e do emprego.

O comportamento do emprego industrial no RS e no Brasil

Tomando-se o período 1995-06, observa-se que o nível do emprego formal na indústria de transformação, no Brasil, experimentou um crescimento de 30,3%, com a incorporação de 1,5 milhão de trabalhadores, um pouco acima do Rio Grande do Sul, em que o emprego industrial teve uma expansão de 27,5%, pelo acréscimo de 131,7 mil postos de trabalho. Atingiu-se, assim, em 2006, a marca de 6,4 milhões de trabalhadores empregados na indústria de transformação do País e de 610,4 mil na do Estado. A indústria de transformação sul-riograndense, que representava 9,8% do total do emprego formal na indústria de transformação brasileira, em 1995, sofreu uma ligeira perda de importância, passando para 9,6% em 2006.

O segmento produtor de máquinas e implementos agrícolas³ experimentou uma expansão mais modesta

do que a do agregado da indústria de transformação, com um crescimento de 14,7% no contingente de empregados formais do Brasil (incorporação de 4,5 mil trabalhadores) e de 18,4% no do RS (adição de cerca de 2 mil trabalhadores). Cabe observar que 43,6% das vagas acrescidas no Brasil, entre 1995 e 2006, provinham do Estado, onde a indústria de máquinas e implementos agrícolas tem uma importância maior em termos de absorção de mão-de-obra do que no contexto nacional. Em 2006, esse segmento abarcava, no País, 35,2 mil empregados formais, o que correspondia a 0,6% do total de empregados da indústria de transformação nacional, a mesma representatividade do início do período; no RS, o número de empregados era de 12,6 mil, o que significava 2,1% do total da indústria de transformação gaúcha, uma ponderação levemente inferior à exibida em 1995, 2,2%. A participação do RS na congênera nacional teve um leve impulso no período, passando de 34,8% em 1995 para 35,9% em 2006.

O exame detalhado do período revela a heterogeneidade da conjuntura em foco, marcada por distintos regimes cambiais — enfeixados no Plano Real — e por medidas de ajuste econômico para fazer frente à crise. A evolução do emprego formal na indústria de transformação, ano a ano, mostra que o RS acompanha o Brasil em termos de tendência, com intensidades distintas, excetuando-se o ano de 2005, que foi crítico para a indústria gaúcha (Gráfico 1).

No Brasil e no RS, os primeiros três anos da série foram marcados por quedas sucessivas no nível de emprego, de maneira geral mais intensas no País do que no Estado. Com isso, ao final de 1998, registrava-se o menor patamar do emprego formal na indústria, no Brasil e no RS (4,5 milhões e 454,2 mil empregados respectivamente), do período analisado.

A partir de 1999, o quadro é de elevação contínua nos dois espaços — só interrompida, no RS, em 2005 — em consonância com a mudança do regime cambial e com a implantação do programa de metas de inflação. Chama-se atenção para os efeitos imediatos da desvalorização cambial, em 1999, sobre o nível do emprego na indústria gaúcha, que arrancou na frente da nacional, ostentando um crescimento mais expressivo.

Em 2005, um novo cenário de valorização cambial voltou a comprometer o desempenho das atividades exportadoras. No RS, adiciona-se a isso a crise no campo, em decorrência da forte estiagem, que provocou a quebra de safra, e da queda de preço dos grãos no mercado

² Projeto intitulado Repercussões da Atuação de Grandes Empresas Sobre a Cadeia Produtiva de Máquinas e Implementos Agrícolas no RS.

³ Na série do emprego formal, esse segmento compreende as classes CNAE 29319 - Fabricação de máquinas e equipamentos para agricultura, avicultura e obtenção de produtos animais e CNAE 29327 - Fabricação de tratores agrícolas.

internacional, o que resultou no forte endividamento do produtor rural.⁴

A observação do emprego formal, ano a ano, no segmento MIA revela um movimento no mesmo sentido, no Brasil e no RS, onde, de uma maneira geral, os recuos e os avanços foram mais pronunciados (Gráfico 2).

Inicialmente, pode-se constatar que, de 1995 a 2000, o movimento do emprego formal na indústria de máquinas e implementos agrícolas foi marcado pela alternância entre retração e expansão de contingente. Nesses cinco anos, nos dois espaços, a maior elevação de contingente foi registrada em 1999, enquanto a maior queda se verificou, em 1996, no País e, em 2000, no Estado.

Entre 2001 e 2004, presenciou-se, no Estado e no País, um ciclo de crescimento do emprego cuja magnitude das variações foi crescente até 2003 e apresentou diminuição de intensidade em 2004.

Por fim, os anos de 2005 e 2006 foram marcados por retração do contingente empregado, mais pronunciada no Estado do que no País e, em ambos os casos, mais intensa no primeiro ano do que no último.

Do lado da produção, os movimentos não são rigorosamente coincidentes, e os impactos no mercado de trabalho não costumam ter visibilidade imediata, embora o crescimento da economia seja condição — necessária, mas não suficiente — para a geração de postos de trabalho.⁵ O desempenho industrial captado pela evolução da produção física é marcado pela irregularidade, alternando movimentos de expansão com retração da produção (Gráfico 3). Ao longo do período considerado, a indústria de transformação no Brasil registrou queda na produção física, em dois anos (1998 e 1999), e uma relativa estabilidade em 2003, enquanto, no RS, os recuos foram sentidos em quatro anos (1998, 2001, 2005 e 2006), com dois anos praticamente estáveis (1996 e 2003).

O ano de 1999, mais uma vez, suscita comentário, por repetir, na esfera da produção, o mesmo feito obser-

vado no emprego. A produção da indústria gaúcha também reagiu na frente da nacional, quando da mudança do regime cambial ocorrida no início do ano. Diferentemente do Brasil, que conservou o sinal negativo em 1999, o RS registrou sinal positivo, o que é compreensível, dado o peso das exportações na matriz produtiva do Estado.⁶

Já a apreciação do real, a partir do final de 2004, prejudicou as exportações, contribuindo, junto com a má *performance* do Setor Primário,⁷ para o medíocre desempenho da economia, particularmente da indústria gaúcha, que viu cair a sua produção 3,7% em 2005 e 2,0% em 2006.

Em termos de resultados positivos, chamam atenção as taxas de crescimento de 2000 e 2004 tanto para o País quanto para o Estado — 6,1% e 8,7%, respectivamente, em 2000 e 8,5% e 6,4%, respectivamente, em 2004. Esses anos, notadamente 2004, foram considerados notáveis para o mercado de trabalho formal. No Estado, cabe destacar ainda o ano de 1997, em que a produção física da indústria de transformação cresceu muito acima da indústria brasileira, 8,9% contra 3,6%, só que, nesse caso, não se verificou correspondência no nível do emprego, que recuou 2,9% no RS e 2,0% no Brasil.

O segmento produtor de máquinas e implementos agrícolas⁸ no Brasil mostra uma trajetória própria em relação à totalidade da indústria de transformação, até mesmo em termos de tendência (Gráfico 3).⁹ Na série histórica considerada, observa-se queda, na produção física, em cinco anos: 1996, 1998, 1999, 2005 e 2006. No ano de 1996, na vigência do regime de âncora cambial, registrou-se um expressivo recuo (-19,9%), seguido de uma recuperação notável em 1997 (35,2%), para cair, novamente, nos dois anos subseqüentes. A partir de 2000, o câmbio desvalorizado, as boas safras agrícolas e, sobretudo, o Moderfrota ajudaram a impulsio-

⁴ Colaboraram também para esse quadro de crise as circunstâncias da atividade agrícola: a safra colhida foi plantada aproximadamente seis meses antes, quando o dólar estava mais alto: logo, a compra de insumos deu-se com um câmbio superior ao da venda da produção, contribuindo para comprometer a lucratividade.

⁵ Por um lado, esse descompasso pode ser explicado pela lógica do processo de reestruturação produtiva, que é altamente poupador de mão-de-obra; por outro lado, a explicação reside na lógica empresarial de curto prazo. Contratações e demissões de trabalhadores implicam custos, por isso, os empresários tendem a tomar as decisões a esse respeito no momento em que percebem que os avanços ou os recuos na produção não são fenômenos passageiros.

⁶ Há que se considerar também que o Setor Primário no RS teve um bom desempenho em 1999, com o Valor Adicionado Bruto (VAB) crescendo 10,3%, o que repercutiu, positivamente, na indústria.

⁷ A dimensão da crise no campo, no RS, é revelada pela queda do VAB do Setor Primário em 2005: -17,5% (FEE, 2007).

⁸ Na série da produção física divulgada pelo IBGE (Pesq. Industr. Men, 2006), o segmento de máquinas e implementos agrícolas corresponde ao subsetor Tratores, máquinas e equipamentos agrícolas, inclusive peças e acessórios.

⁹ Infelizmente, não se dispõe de dados para o RS, todavia é possível fazer ilações sobre o comportamento estadual a partir do País, tendo em vista que um terço do emprego formal no segmento provém da indústria gaúcha.

nar a fabricação de máquinas e implementos agrícolas, resultando em crescimento de 23,8% (2000) e 21,9% (2001), arrefecimento em 2002 (7,4%), novo impulso em 2003 (23,1%), novo arrefecimento em 2004 (6,2%), até que uma combinação de câmbio valorizado, juros elevados e endividamento dos produtores rurais conduziu a uma crise que rebaixou o nível de produção nos dois últimos anos, assinalando, em 2005, um recuo de 35,9%, o mais dramático do período, e, em 2006, -15,6%. Vale dizer que a queda acumulada nos dois anos é de impressionantes 45,9%, isto é, corroeu-se quase a metade da produção de 2004. No plano do mercado de trabalho, isso significou a eliminação de 8.315 postos de trabalho formais no Brasil e de 4.948 no RS, nesses dois anos, expressivas quedas de 19,1% e 28,1% respectivamente.

A observação do movimento das exportações no período (Tabela 1) fornece elementos que permitem compreender melhor o que se passa na esfera da produção e do emprego. A quantidade de bens exportados pela indústria produtora de máquinas e implementos agrícolas¹⁰ sofreu um duro impacto no primeiro momento da valorização cambial, quando, em 1996, experimentou um decréscimo de 35,3% no Brasil e de 37,9% no RS. Todavia, em 1998, já alcançou o patamar de 1995 e, no caso do RS, até o superou. Ao longo dos anos enfocados, evidenciou-se um comportamento que, de certa forma, contraria a lógica da relação câmbio/exportações: a quantidade de bens exportados contraiu-se em anos de câmbio desvalorizado (2000 e 2003 no Brasil e 2000 e 2002 no RS) e tem expansão, até mesmo expressiva, em anos de valorização cambial, excetuando o ano de 2004, em que o volume exportado cresceu admiravelmente, 112,9% no Brasil e 188,1% no RS. Isso não deixa de causar estranheza, porque o ano de 2004 é marcado pelo

arrefecimento significativo das taxas de crescimento do emprego e da produção no segmento MIA. O contraste entre as taxas de variação da produção física na indústria produtora de máquinas e implementos agrícolas e a quantidade dos bens por ela exportados mostra uma discrepância em termos de intensidade, chegando até mesmo à inversão de sinais em praticamente todos os anos do período estudado.

Por fim, a valorização do real frente ao dólar, a partir do final de 2004, parece mais nitidamente sentida no lado das exportações, em 2006, quando se verifica uma clara desaceleração no ritmo de crescimento: de 81,5% em 2005 para 25,6% em 2006 no caso do RS e de 66,5% para 30,1% no caso do Brasil. Ainda assim, trata-se de um desempenho extraordinário, tendo em vista o crescimento de 361,3% no Brasil e de 556,8% no RS, no volume exportado, entre 2003 e 2006. Importa agregar ainda um dado relevante, o de que o preço médio dos bens exportados subiu, significativamente, nos mesmos anos (78,5% no Brasil e 58,1% no RS), compensando o efeito do câmbio.

O comportamento aparentemente inesperado das exportações nesse período enseja algumas reflexões. As exportações não reagem imediatamente ao câmbio favorável, as empresas buscam ter certeza de que o movimento não é fugaz e precisam de tempo para conquistar mercados, para exportar mais; no sentido contrário, também a reação não é imediata, pois é necessário cumprir contratos que estão em andamento, firmados em momento anterior. Mesmo com rentabilidade mais baixa ou até prejuízo, abrir mão do mercado duramente conquistado não é uma opção fácil. Nessas circunstâncias, resta aos empresários apostarem na volta do câmbio depreciado ou esperarem mais um pouco, para ver se o movimento de queda do dólar veio para ficar. Além disso, mecanismos de proteção financeira¹¹, utilizando os juros altos e vantagens tributárias, amenizam o efeito do câmbio desfavorável.

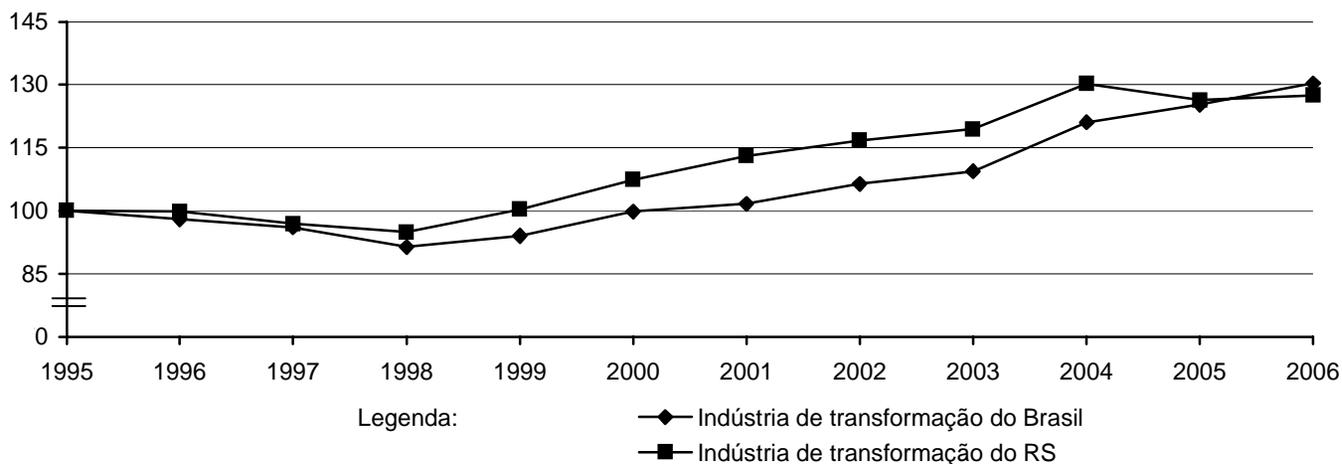
Pelo que foi visto até então, é razoável supor que a crise no segmento de máquinas e implementos agrícolas esteja mais relacionada às dificuldades no mercado interno do que ao desempenho exportador. A queda pronunciada na produção, ao mesmo tempo em que cresce a exportação, como se verificou em alguns anos — notadamente nos últimos —, mostra que os empresários buscam ampliar sua participação no mercado externo, para evitar que as perdas sejam ainda maiores.

¹⁰ Na série das exportações, utilizaram-se as classificações que melhor representam a indústria produtora de máquinas e implementos agrícolas, conforme o Sistema Alice: Máquinas e aparelhos de uso agrícola, hortícola ou florestal, para preparação ou trabalho do solo ou para cultura; rolos para gramados (relvados), ou para campos de esporte; Máquinas e aparelhos para colheita ou debulha de produtos agrícolas, incluídas as enfardadeiras de palha ou forragem; cortadores de grama (relva) e ceifeiras; Máquinas para limpar ou selecionar ovos, frutas ou outros produtos agrícolas, exceto as da posição 84.3; Máquinas de ordenhar e máquinas e aparelhos para a indústria de laticínios; prensas, esmagadoras e máquinas e aparelhos semelhantes, para fabricação de vinho, sidra, suco de frutas ou bebidas semelhantes; Outras máquinas e aparelhos para agricultura, horticultura, silvicultura, avicultura ou apicultura, incluídos os germinadores equipados com dispositivos mecânicos ou térmicos e as chocadeiras e criadeiras para avicultura; Tratores (exceto os carros - tratores da posição 87.09)

¹¹ Como contratos com pagamento antecipado, como forma de obterem recursos para aplicar no mercado financeiro.

Gráfico 1

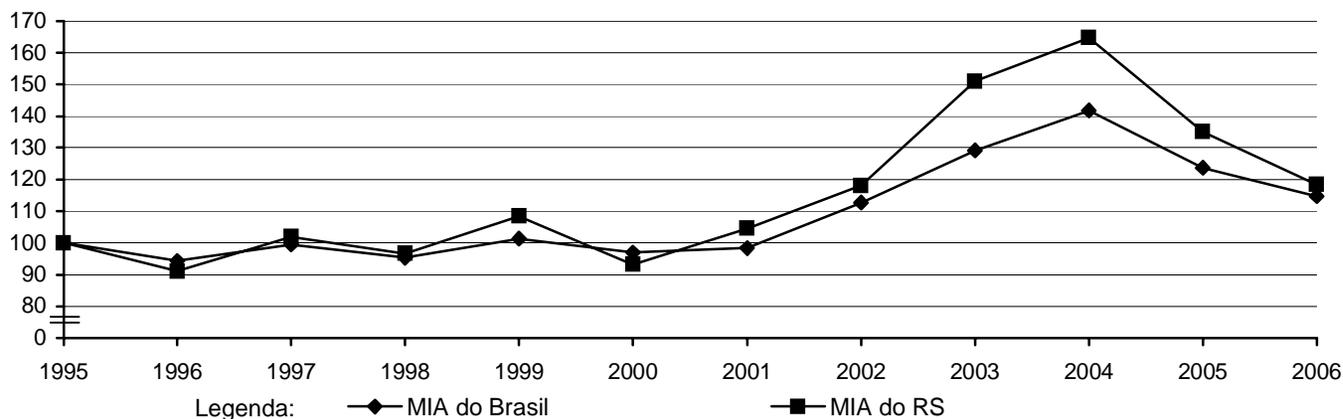
Índice da evolução do emprego formal na indústria de transformação do RS e do Brasil — 1995-06



FONTE: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Cadastro Geral de Empregados e Desligados. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2006.
 RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS (1995 a 2005). Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego.
 NOTA: Índice de base fixa 1995 = 100.

Gráfico 2

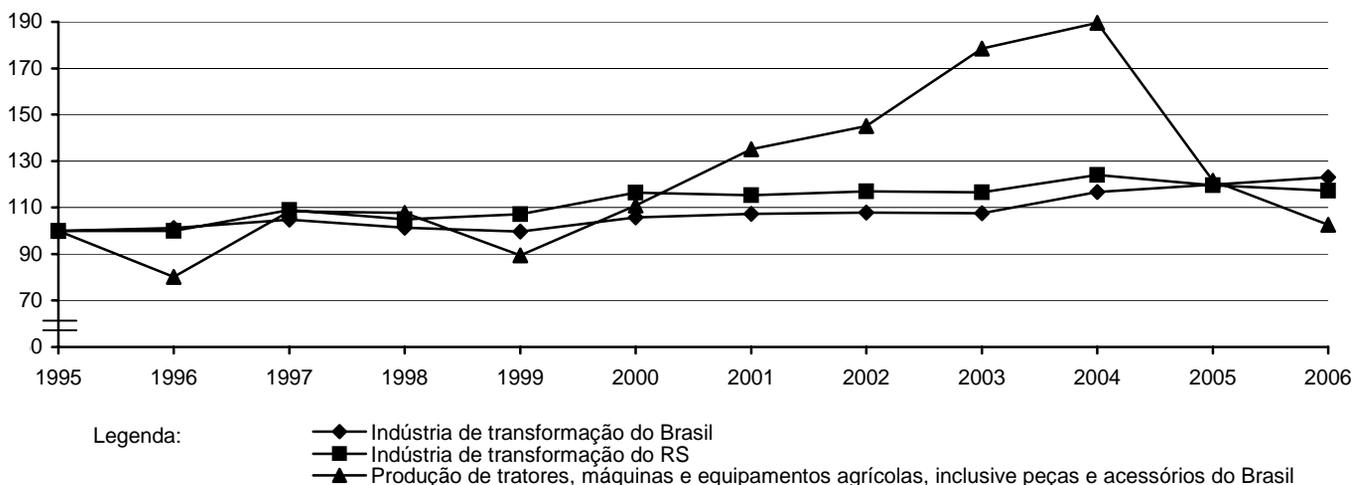
Índice da evolução do emprego formal no segmento produtor de máquinas e implementos agrícolas do RS e do Brasil — 1995-06



FONTE: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Cadastro Geral de Empregados e Desligados. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2006.
 RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS (1995 a 2005). Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego.
 NOTA: Índice de base fixa 1995 = 100.

Gráfico 3

Índice da evolução da produção física na indústria de transformação do RS e do Brasil e na indústria de tratores, máquinas e equipamentos agrícolas, inclusive peças e acessórios, do Brasil — 1995-06



FONTE: PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: Produção Física — PIM/PF. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>.

NOTA: Índice de base fixa 1995 = 100.

Tabela 1

Evolução das quantidades exportadas pela indústria de máquinas e implementos agrícolas do Rio Grande do Sul e do Brasil — 1995-06

ANOS	BRASIL	RIO GRANDE DO SUL
1995	222 879	108 819
1996	144 285	67 587
1997	196 465	98 035
1998	221 754	144 129
1999	221 826	144 413
2000	196 852	112 558
2001	253 888	156 702
2002	(1) 462 070	123 824
2003	271 383	150 067
2004	577 898	432 284
2005	962 272	784 728
2006	1 251 872	985 575

FONTE: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. Secex. Sistema Alice. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>.

(1) Esse valor deve ser olhado com cautela, pois o RS, que tem peso nas exportações brasileiras de MIA, exibiu diminuição no volume exportado, enquanto o País cresceu significativamente, na comparação com o ano anterior.

O comportamento do emprego industrial na Região MIA

No Estado, o segmento produtor de máquinas e implementos agrícolas está concentrado em quatro Coredes¹² do Norte-Noroeste do Estado — o Alto Jacuí, o Fronteira Noroeste, o Noroeste Colonial e o Produção —, os quais reúnem quatro empresas de grande porte, com forte atuação no mercado nacional e com presença no mercado internacional, e detêm a maior parte do emprego formal setorial. A proximidade dessas grandes empresas entre si e dessas com seus fornecedores, concentradas todas elas nos Coredes mencionados, faz com que essa região comporte uma investigação específica. Por isso, julgou-se apropriado tratar esses quatro Coredes como se fossem uma única região, denominada Região MIA, a qual corresponde aproximadamente ao local em que se identifica a existência do Sistema Local de Produção (SLP)¹³ de máquinas e implementos agrícolas (Mapa 1).

A Região MIA viu crescer a sua importância relativa no emprego da indústria de transformação do RS, ao longo do período 1995-06, passando de 5,7% em 1995 para 7,3% em 2006, registrando-se, em 2004, a maior participação (7,8%). O nível do emprego na indústria de transformação, no conjunto da região, elevou-se de 27,5 mil ocupados com carteira em 1995 para 44,6 mil em 2006, o que significou um incremento de 62,4% entre os dois pontos extremos, algo significativamente superior ao verificado para o agregado do Estado. No confronto ano a ano (Gráfico 4), a região também se diferencia do Estado, registrando retração no nível do emprego formal, na indústria de transformação, apenas em 1999, 2005 e 2006, quando exibiu desempenhos aquém do da totalidade do RS. A crise que se abateu sobre a economia do Estado nos dois últimos anos foi especialmente visível na região desses Coredes, tendo em vista a importância da indústria de máquinas e implementos agrí-

colas na geração do emprego industrial local: 21,9% do total de empregados na indústria de transformação em 1995 e 18,2% em 2006.

A Região MIA abrigava, em 1995, cerca de 6.000 empregados formais na indústria de máquinas e implementos agrícolas, o que correspondia a 56,4% do total estadual. Em 2006, depois de sofrer oscilações ao longo do período, a importância relativa da região na congênera estadual elevou-se para 64,4%, e o contingente de trabalhadores ampliou-se para pouco mais de 8.000, marcando um crescimento de 35,1% em relação ao início do período.

Diferentemente do que se viu para o Estado, o nível do emprego na produção de máquinas e implementos agrícolas, na região, teve crescimento na maior parte dos anos do período analisado — apenas em 1996, 2005 e 2006 registrou-se retração do contingente formalmente empregado (Gráfico 4). Assim, após cair em 1996, o emprego tomou sentido ascendente, atingindo a variação máxima em 2003, com extraordinários 39,5%, diminuindo abruptamente o ritmo de crescimento em 2004. Os dois últimos anos foram marcados por queda no número de empregados formais, mais intensa em 2005 (-19,8%) do que em 2006 (-17,3%). Verifica-se, pois, que, na Região MIA, os avanços e os recuos no nível do emprego formal, na indústria produtora de máquinas e implementos agrícolas, foram mais intensos, ao longo do período, do que nos planos estadual e nacional.

¹² Considera-se a configuração de 24 Coredes, de acordo com o Decreto Estadual nº 42.986, de 26.03.04. Atualmente, existem 26 Coredes no RS, instituídos pelo Decreto Estadual nº 44.837, de 28.12.06.

¹³ Conforme designação do Programa de Apoio aos Sistemas Locais de Produção, implementado pelo Governo gaúcho em 2002 (Castilhos, 2002). Todavia a referência mais adequada seria a de Arranjo Produtivo Local (APL) (Tatsch, 2006).

Mapa 1

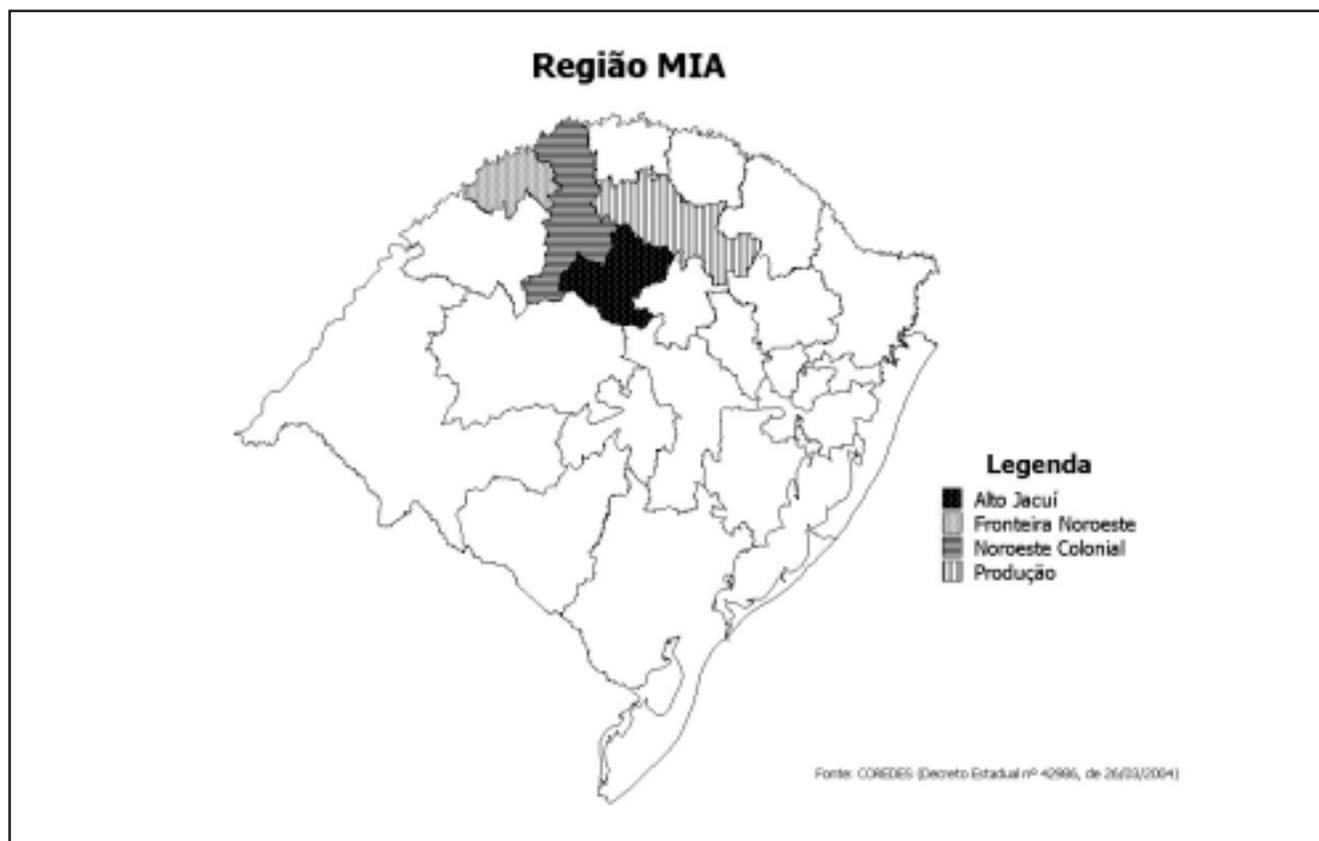
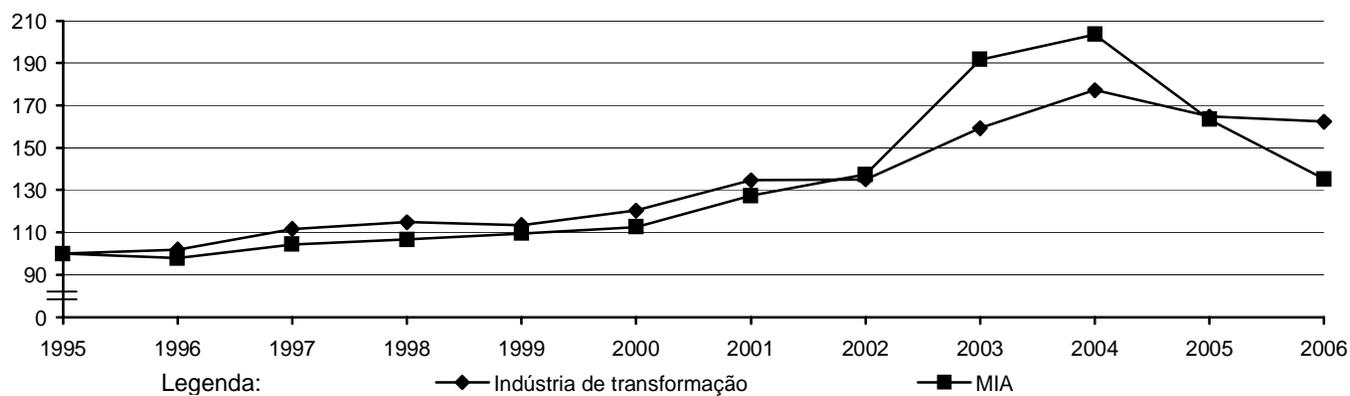


Gráfico 4

Índice da evolução do emprego formal na indústria de transformação e no segmento produtor de máquinas e implementos agrícolas, na Região MIA do RS — 1995-06



FONTE: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Cadastro Geral de Empregados e Desligados. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2006.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS (1995 a 2005). Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego.

NOTA: Índice de base fixa 1995 = 100.

Considerações finais

O exame do comportamento do emprego formal na indústria produtora de máquinas e implementos agrícolas, ao longo do período 1995-06, mostrou uma trajetória singular em relação à totalidade do emprego na indústria de transformação, no Brasil e no RS. No Estado, o desempenho da agropecuária e, de forma especial, do agronegócio contribuiu fortemente para a *performance* dessa indústria. A crise em que a indústria de máquinas e implementos agrícolas mergulhou recentemente, embora se manifeste nacionalmente, é mais acentuada no RS, em razão dos infortúnios enfrentados pelo Setor Primário gaúcho. Ao que parece, as adversidades do mercado interno ajudam a explicar melhor a crise no segmento do que a política cambial, já que as exportações continuaram crescendo, a despeito do recuo na produção e no emprego formal, na indústria produtora de máquinas e implementos agrícolas.

Em que pese esse quadro de dificuldades, as perspectivas são animadoras. A recuperação nos preços dos grãos, no mercado internacional, e as boas expectativas para a safra 2006/2007 trazem um novo ânimo para os empresários, que, pelas recentes manifestações na imprensa, já comemoram o fim do ciclo de quedas nas vendas iniciado em 2005. De qualquer maneira, mesmo que se confirme um bom desempenho em 2007, empresários e analistas do setor têm sublinhado que o resultado alcançado será mais uma recuperação do que um crescimento, pois deverá ser ainda inferior ao registrado em 2003, a referência mais próxima de um ano bem-sucedido para máquinas e implementos agrícolas. De igual forma, espera-se uma recuperação no nível do emprego formal, nesse segmento produtivo, uma vez que se anuncia um horizonte de crescimento econômico, condição necessária — embora não suficiente — para a geração de postos de trabalho de qualidade, como se costuma referir as ocupações com vínculos regulamentados.

Referências

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Cadastro Geral de Empregados e Desligados**. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2006.

CASTILHOS, Clarisse C. (Coord.) **Programa de Apoio aos Sistemas Locais de Produção**: a construção de uma política pública no RS. Porto Alegre: Secretaria de Desenvolvimento e dos Assuntos Internacionais; Fundação de Economia e Estatística, 2002.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER — FEE. VAB estadual, série histórica. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas>>. Acesso em: abr. 2007.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. SECEX. Sistema Alice. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: Produção Física — PIM/PF. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: mar. 2006.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS (1995 a 2005). Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego.

TATSCH, Ana Lúcia. O arranjo de máquinas e implementos agrícolas do Rio Grande do Sul: infraestrutura produtiva, educacional e institucional. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 3., Porto Alegre, 2006. **Anais**. [S. n. t.].